

IFPE - Campus Jaboatão dos Guararapes

Por: Victor Hugo Marques de Souza

## Um Elogio Ao Amor

O *Simpósio*, também conhecido como *O Banquete*, é um diálogo platônico que se constitui, basicamente, em uma série de discursos sobre a natureza e as qualidades do amor, nos quais diversos filósofos fazem seus elogios em relação a ele.

Entre eles, Fedro inicia os discursos, destacando que o amor é o mais antigo e nobre dos deuses, que inspira grandes feitos e faz com que os amantes fiquem motivados a realizar atos heroicos em nome do amado.

O segundo a discursar é Pausânias, que diferencia os tipos de amor entre o Celestial, de Urânia, que está ligado ao amor à alma, às virtudes e ao intelecto. Ele considera este o melhor entre eles, já que, diferente do amor de Pandêmia, não foca no prazer do corpo, mas na busca do bem, defendendo assim a paideia. Já o amor Comum, de Pandêmia, foca no exato oposto: no amor físico e carnal, que visa o prazer imediato e é baseado no corpo.

Erixímaco, que discursa após Pausânias, faz seu elogio a partir de uma análise de uma perspectiva mais ampla, científica e naturalista, por ser médico. Uma das principais ideias dele é que, diferente dos elogios anteriores, que colocam o amor como algo exclusivo aos humanos, ele apresenta o Eros, o amor, como algo que está em tudo, não apenas nos humanos. Assim como Pausânias, ele faz uma distinção entre os amores, sendo eles os amores bons e ruins, que podem criar equilíbrio e desordem. Tudo fica mais claro quando ele compara o Eros à música, onde a música, para ser boa, precisa de equilíbrio e coordenação, assim como o amor.

Já Aristófanes faz algo um pouco diferente ao apresentar um mito para explicar o desejo de encontrar aquele que completa sua metade. Esse mito é o dos Andróginos, e ele fala que o amor é a tentativa de reencontrar a metade perdida. Esse impulso para a união é uma forma de busca pela completude, e o Deus Eros é aquele que serve como guia para os humanos encontrarem suas caras-metades.

O próximo a discursar é Agatão, o anfitrião do banquete, que traz a beleza e a delicadeza do Eros, sendo ele o mais jovem dos deuses, o que explica suas qualidades, pois a velhice é contrária à natureza do amor, segundo ele. Quanto à sua beleza, ele diz que sua aparência encantadora e atraente é aquilo que inspira a busca pelo belo. Assim como os artistas e poetas são inspirados por Eros, pois o amor os leva a criar obras de beleza e harmonia; afinal, ele é uma inspiração.

O penúltimo é o tão esperado Sócrates, que traz, pela primeira vez, uma mulher para debater no banquete de forma indireta. Afinal, ele não elogia o amor de forma direta, mas sim traz os ensinamentos de uma sacerdotisa, Diotima. Diferente dos outros discursos, ela fala que o amor não é perfeito; afinal, Eros não pode ser belo ou perfeito, pois busca o que lhe falta. O amor, então, é colocado entre o meio termo entre o imperfeito e o perfeito, sendo ele nem um humano nem um deus, e sim um Daimon, a ponte entre eles. Afinal, ele não é mortal nem imortal, pois é filho de Pênia, a pobreza, e Poros, a abundância. Sócrates e Diotima também falam que a busca pelo amor é a busca pela imortalidade; afinal, aqueles que amam desejam, de alguma forma, transcender a mortalidade, seja pela criação de filhos ou pela criação de ideias e realizações duradouras. Sendo assim, o amor não é apenas físico, mas também intelectual. Eles também apresentam a *Scala amoris*, que é onde existe o processo de ascensão: uma pessoa começa amando um corpo, mas, gradualmente, passa a amar todos os corpos, depois as almas e, finalmente, as ideias e a beleza em si.

O último, e não menos importante, é Alcibiades, que faz seu elogio a Sócrates. Ele o descreve como alguém de grande sabedoria e beleza interior, contando como se sentiu atraído por ele e, ao mesmo tempo, impressionado por sua filosofia e modo de vida. Também fala da complexidade do amor ao relatar suas tentativas de seduzir Sócrates, que, no entanto, permanece indiferente. Por fim, critica os outros presentes no banquete por sua superficialidade e falta de entendimento sobre o verdadeiro amor, ressaltando que este transcende o desejo físico e busca o conhecimento e a virtude.

Em geral, o *Banquete*, com seus diversos elogios conseguem contextualizar um pouco do que sentimos quando estamos amando, e podemos ver isso na hora de sua leitura caso consigamos nos identificar com algum discurso, podemos dizer que sentimos aquilo alguma vez, uma experiência, seja com Agatão nos falando indiretamente sobre o Cupido, com Erixímaco diferenciando os amores ou com Diotima e seu amor nem perfeito nem imperfeito. Afinal, acho que todos nós já escutamos sobre a procura de sua cara-metade, ou procurar alguém que complete você.

Seja o que for, é curioso ler sobre senhores em um banquete falando sobre amor, principalmente pelo fato de muitos deles falarem sobre coisas que identificamos hoje. Acho que, o amor seria um combinação entre eles, imperfeito e belo que pode criar equilíbrio e desordem, algo capaz de nos permitir ficar motivados a para realizar atos heroicos.